

HOMOSSEXUALIDADE E EXPRESSÕES HOMOERÓTICAS: UM TRIUNFO NA LITERATURA LGBTQIA+

HOMOSEXUALITY AND HOMOEROTIC EXPRESSIONS: A TRIUMPH IN THE LGBTQIA+ LITERATURE

Junior César Ferreira de Castro¹
Marcelo de Carvalho Macedo²

Universidade de Brasília – UNB
Faculdade de Formação de Professores de Araripina – FAFOPA

Resumo: A literatura apresenta hoje uma grande representatividade no meio LGBTQIA+ já que houve, por volta do século XX, a inclusão de personagens homossexuais e casais homoafetivos em grandes obras literárias. Personagens homossexuais não eram algo que se fazia presente no universo literário, porém, passado algum tempo, vários autores decidiram abordar um pouco mais sobre a temática da homossexualidade e, então, começaram a incluí-los a suas histórias, fazendo com que estes não se tornassem algo, totalmente, ignorado na literatura. Para fundamentar esse estudo, buscamos nos centrar, principalmente, nos autores Jeff Garvin (2017), André Aciman (2018) e Becky Albertalli (2016) uma vez que este artigo tem o objetivo de abordar e discutir como as obras literárias *Todos, nenhum: simplesmente humano*, de Jeff Garvin, *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman, e *Simon vs. a agenda Homo Sapiens*, de Becky Albertalli, explicam essa temática, analisando, por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e analítico-descritiva o quão importante esses personagens homossexuais são para desenvolvimento do enredo, de representar o comportamento da sociedade e como são retratados em cada situação analisada, especialmente, do desafio de assumir-se.

Palavras-chave: Homossexualidade. Gênero. Diversidade. Literatura LGBTQIA+.

Abstract: Literature today has a great representativeness in the LGBTQIA + environment, since there was, around the 20th century, the inclusion of homosexual characters and homosexual couples in great literary works. Homosexual characters were not something that was present in the literary universe, however, after some time, several authors decided to approach a little more about the theme of homosexuality and, then, started to include them in their stories, making them not be to make something, totally, ignored in the literature. To support this study, we seek to focus mainly on the authors Jeff Garvin (2017), André Aciman (2018) and Becky Albertalli (2016) since this article aims to address and discuss how the literary works *All, none: simply human*, by Jeff Garvin, *Call me by your name*, by André Aciman, and *Simon vs. the Homo Sapiens agenda*, by Becky Albertalli, explain this theme, analyzing, through bibliographical, qualitative and analytical-descriptive research, how important these homosexual characters are for the development of the plot, to represent the behavior of society and how they are portrayed in society. each situation analyzed, especially the challenge of assuming oneself.

¹ Doutorando em Literatura (UNB). Mestre em Estudos Literários (UFG). Especialista em Linguística e Língua Portuguesa (UNIARA). Pós-graduação em Literatura Brasileira (UNIVERSO). Graduação em Letras Português/Inglês (UEG) e Pedagogia (CLARETIANO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1747-8425>. E-mail: profjuniorcastro@gmail.com.

² Graduando em Letras Português/Inglês pela Faculdade de formação de professores de Araripina (FAFOPA). E-mail: marcelocarvalho23456@gmail.com.



Keywords: Homosexuality. Gender. Diversity. Literature LGBTQIA+.

1 INTRODUÇÃO

O tema homossexualidade vem ganhando espaço de discussão na literatura, o que antes era impossível de ser abordado e, quando se recorria ao assunto, sempre era de modo implícito com uma sutil crítica ao comportamento da sociedade perante a esse grupo marginalizado.

No entanto, vemos que essa temática é recorrente, desde a cultura primitiva, passando pela Antiguidade grega na qual suas mitologias narravam histórias em que deuses, através da forma humana, ensinavam a respeito das práticas sexuais entre o mesmo sexo para explicar a origem da construção do sexo, da definição de transgênero e da homoafetividade como, por exemplo, o mito de Hermafrodito, ao representar o arquétipo do intersexo.

Autores como Conner e Sparks (1998) asseveram que esse arquétipo era tratado como símbolo das experiências sagradas ou míticas que, mesmo sendo narrado pela comunidade primitiva, refletia o inconsciente coletivo desse povo por serem crenças vistas como a variante da sexualidade e por ir de encontro aos princípios religiosos repressivos da época. Isso nos mostra que, desde esse período, a presença do conteúdo LGBT é abordado, mas por uma visão socialmente reprimida devido os costumes de cada era que, segundo Silvano Santiago (2008), não deixou de retratar os indícios da relação homoafetiva, da construção da identidade de gênero e sexual.

De lá para cá, mais especificamente em meados do século XX, os personagens homossexuais eram algo praticamente inexistente no universo literário, tal fato se deve por conta dos conceitos empregados de que existiam padrões sexuais estabelecidos e, se a pessoa estivesse fora desses modelos padrões, tornava-se alvo de preconceitos, agressões e até mesmo de criminalização, devido os pensamentos oriundos de ideologias conservadoras e patriarcalistas que ainda persistem em nossa sociedade.

Comparando com os séculos passados, a sigla LGBT ganhou uma nova denominação, passando a ser LGBTQIA+ para se referir as orientações sexuais das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexuais,



assexuais e outras orientações ou identidades de gênero que existem. É nesse contexto que o presente artigo se justifica ao tomar esse viés como um processo temático da literatura e por dar mais espaço a essa discussão já que, em relação a tempos atrás, os personagens homossexuais não eram posicionados como heróis das narrativas ou romances por serem focos de atrocidades imagináveis, fatos estes que aconteciam com frequência.

Entretanto, essa realidade mudou, haja vista que os homossexuais passaram a ter mais direitos estabelecidos do que antes por lutarem pelo seu espaço na sociedade, tornando-se objeto para a literatura, pois para Antonio Candido (1985, p. 4), “o externo — no caso, o social — importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. Nesse caso, é esclarecedor que haja uma importante relação entre a literatura e o meio social pelo fato de existir uma correlação entre ambas. A literatura engloba diversos assuntos, temas e aspectos, porém a homossexualidade não era muito vista no mundo literário no começo do século em questão.

A inclusão de personagens homossexuais tornou-se algo real na literatura e, para demonstrar esse fato, convocamos pela pesquisa bibliográfica, qualitativa e analítico-descritiva, o tema da homossexualidade a partir de três objetos de estudo, sendo eles: *Todos, nenhum: simplesmente humano*, de Jeff Garvin, *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman e *Simon vs. a agenda Homo Sapiens*, de Becky Albertalli.

Logo, para percorrer esse percurso e entender cada um deles pela respectiva da análise literária, partiremos do método indutivo de modo a demonstrar, segundo Gil (2019), que essa proposição é tomada do particular para o geral em razão de a comunidade LGBTQIA+ ter alcançado o seu lugar na representatividade literária, principalmente, na luta dos seus direitos quando se uniram, no dia 28 de junho de 1969, no bar *The Stonewall Inn*, na cidade de Nova York e, então, recusaram às ordens policiais de saírem do local.

A ida de policiais até o local era algo frequente, eles expulsavam ou até mesmo prendiam pessoas pelo simples motivo de serem homossexuais ou travestis, porém, na época mencionada, decidiram dar um basta a tudo aquilo e se recusaram a todo custo de saírem do local, tornando este evento no chamado *A Revolução de Stonewall*. O que se tornou o marco inicial para a comuni-



dade LGBTQIA+ e, precisamente, da teoria *queer*, a qual nos deteremos ao longo da pesquisa, até porque, a partir daquele ponto, vários autores como Caio Fernando Abreu, Cassandra Rios, James Baldwin, Manuel Puig e Sylvia Molloy, viram-se livres para incluírem personagens homossexuais e poderem retratar a homossexualidade em seus textos.

Este artigo tem como objetivo analisar os livros supracitados, por trazerem a homossexualidade e a diversidade de gênero como foco de discussão, para apresentar o modo de como esses personagens são incluídos na literatura e nos estudos literários. Além de tudo, o quão bem foram retratados ao fazer a minuciosa observação quanto à relevância que essas obras têm para o público, seja ou não do meio LGBTQIA+, uma vez que os dois primeiros romances são de autores não pertencentes a essa comunidade. Portanto, o nosso propósito é de contribuir para essa área da literatura ao versar sobre personagens que se mostram desafiados a enfrentar o ato de se assumir.

2 HOMOEROTISMO NO UNIVERSO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE

A literatura vem concedendo grandes espaços para temas importantes que foram silenciados no passado, como o da homossexualidade. Sendo assim, escritores se sentem mais livres para explorá-lo, deixando de lado o receio da repreensão que foi imposto nos períodos anteriores e, com isso, personagens homossexuais tornaram-se comuns e recorrentes nas obras literárias, já que os autores puderam, finalmente, fazer uma vasta exploração e explanação sobre o assunto. Assim, os personagens homossexuais foram ganhando lugar nos romances e contos, fazendo com que diminuíssem a ausência deles no universo literário, principalmente, passaram a ter uma grande relevância ao buscar retratar histórias nas quais o leitor possa se identificar ou se ver naquela situação.

Notoriamente, a literatura LGBTQIA+ é de suma importância para os estudos literários no que diz respeito à arquitetura de enredos com o tempo e o espaço da narrativa centrados nos heróis homossexuais, bem como na criação de teorias pela estética da recepção voltada ao leitor e a crítica. Isso mostra que esse tipo de literatura e sua relação com o receptor se dá, justamente, com a escrita. Até porque, segundo Jauss (2002), o autor deve trazer para o livro



toda uma implicação histórica que assegura a atenção do leitor quanto à produção e ao significado desse contexto retratado, já que é ele que realiza a atualização de todos os fatos narrados a partir de suas molduras.

Logo, pessoas heterossexuais não só podem, mas também devem, ter acesso a livros sobre o tema, pois isso fará com que haja uma desconstrução de visões preconceituosas que possa existir no pensamento desse tipo de leitor, pois tanto esse, como os demais que se identificam com um dos gêneros sexuais, são leitores explícitos ou indivíduos historicamente construídos, que acolhem a produção artística e compartilham do mesmo horizonte de expectativas circunscritas de determinada época.

Além disso, vale ressaltar que muitas das obras literárias com o conteúdo focado na homossexualidade não são feitas por gays e, tomando isso como uma referência, não é necessário ser homossexual para ler ou escrever sobre tal vertente, visto que é a dimensão da recepção e do efeito estético da obra que está em análise. No que tange tal questão, a da estética da recepção, pode-se então perceber que o leitor contempla tanto a obra literária como também a sua deslocação para dentro dela, vivenciando-a esteticamente ao se distanciar de sua condição real e refleti-la nessa mesma condição. Isso estimula o leitor não heterossexual a assumir o seu gênero que, na visão de Figueiró (2007, p. 20),

[...] homens e mulheres, quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se “diferentes”, sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, amigos [...] Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual. Ao invés de se falar em opção, o correto é dizer que a orientação da pessoa é homossexual.

Nessa perspectiva, nota-se que na literatura há um grande acervo de autores heterossexuais que escrevem livros com temas homossexuais ou retratam a diversidade de gênero. Atualmente, isso já vem sendo algo totalmente comum, mas ainda hoje há a ideologia de que ser uma pessoa hetero abordando a homossexualidade é sinônimo de exploração desta temática por puro interesse ou unicamente para lucrar e, por isso, esses escritores acabam sendo alvo de grandes críticas negativas.



Tal posicionamento deve ser tratado como errôneo, já que as pessoas que não fazem parte da comunidade LGBTQIA+ têm o livre-arbítrio de conceber sobre a matéria. Para efeito de estudo, serão analisadas, respectivamente, as obras *Todos, nenhum: simplesmente humano*, de Jeff Garvin e *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman, ambas são recentes e escritas por autores héteros com o objetivo identificar como os personagens são incluídos e expressados nessas diegeses além de observar o modo de como são retratados os comportamentos deles durante o enredo.

Como abordado no início desta pesquisa, a presença da temática LGBTQIA+ escrita por heterossexuais a partir do século XX tornou-se demasiadamente abundante e *Todos, nenhum: simplesmente humano*, de Jeff Garvin, é um dos exemplos. O enredo relata a história de Riley Cavanaugh que retrata a sua indagação em ser um garoto ou uma garota. O personagem é uma pessoa com um gênero fluido, e essa transição é justamente o clímax que leva o leitor a conhecer e saber do que se trata a questão da identidade de gênero.

Todo esse acontecimento começa a ser contado pelo narrador autodiegético Riley e, conforme o enredo vai se passando, é possível observar a fundo, e de certa forma, sentir na pele ou dentro da mente do próprio herói narrativo, tornando-se cada vez mais claro o gênero fluido, algo que é característico desse personagem principal. Com o desenrolar dos fatos, é notório perceber o quanto o personagem sofre por conta de suas características e por ter sofrido no passado inúmeras formas de *bullying*, necessitando buscar ajuda de uma psicóloga como forma de superar ou, pelo menos esquecer, parcialmente o que o ele passou:

Enfim, não é tão simples assim. O mundo não é binário. Nem tudo é preto e branco, sim ou não. Às vezes, não é um interruptor, mas um ponteiro. E nem é um ponteiro que você consegue controlar; ele vira sem sua permissão ou aprovação. “Certo”, as pessoas dizem, “mas você nasceu como um ou outro. Tipo, biologicamente. Anatomicamente”. Como se elas tivessem o direito de saber! Como se, já que não consegui deixar claro, eu devesse usar um símbolo. Bom, não é da conta delas, caramba. Você acha que não sei que meu gênero não é imediatamente aparente para você? Acha que não escolhi essas roupas e esse corte de cabelo especificamente para não me encaixar numa ou noutra categoria? Sou gênero fluido, mas não sou idiota. (GARVIN, 2017, p. 26).



O enredo faz com que o leitor se sinta como o personagem, aspecto ressaltado por Iser (2002, p. 106) ao trazer elementos extratextuais para que a relação autor-texto-leitor seja a representação desse mundo existente, ao retratar minuciosamente os sentimentos e o seu trajeto, trazendo então o real motivo para que, quem esteja lendo, fique admirado pelo narrador.

Entretanto, outras emoções são suscitadas ao ficar angustiado por notar com clareza tudo o que o mesmo passa, além da pressão frequente que os pais e a sociedade impõem e, também, devido ao sofrimento que passou por conta do *bullying* frequente e aos momentos difíceis que vivenciava na antiga escola católica que frequentava. Com certo tempo e, em razão de toda essa pressão psicológica que sofria de todos os lados, até mesmo da família, o personagem segue as recomendações de sua psicóloga: escrever aquilo que sentia.

Com isso, acaba criando uma espécie de *blog*, que retratava através escrita o gênero fluido e, como o personagem não queria que fosse descoberto, decidiu se autonegar como Alix. Nesse sentido, o leitor vai se questionando se o personagem é um garoto ou garota, mas no decorrer da narrativa, a história demonstra e torna-se tão interessante e cativante pelo fato da descoberta, que o gênero acaba sendo algo totalmente insignificante, irrelevante.

No entanto, mesmo que por ventura o leitor tenha a curiosidade de desvendá-lo, é praticamente impossível, já que Garvin faz com que em nenhum momento transpareça qual o gênero de Riley. Nessa perspectiva, da cultura ou da imagem do corpo, Barcellos (2006, p. 218) assevera que “em primeiro lugar, trata-se de um olhar contemplativo, um olhar de espectador, de quem se distancia, de quem não participa ou não está interessado em participar, mas procura interpretar o que vê.”

Com relação à família, os pais de Riley não possuem um papel tão relevante. O pai, como um importante deputado, tenta reeleger-se, enquanto a mãe se apresenta como uma pessoa receosa, que teme falar sobre o assunto com o filho, pois a comunicação entre ambos poderia ter um papel importantíssimo para o personagem. Porém, há dois amigos que não o julgam e desempenham papéis de extrema relevância, pois ele passava por diversas dificuldades e, ao ficar num local onde existem apenas pessoas que o julgam, só prejudicaria o enredo, o que conseqüentemente refletiria no leitor desavisado ou comum, le-



vando-o a ter o pensamento de que a pessoa, por ser diferente, deve ficar sozinha. O emprego desses personagens para a narrativa tem importância nesse aspecto, até porque o enredo se limitou a não explorar muito o diálogo entre a família, mesmo que Riley esteja passando por imensuráveis dificuldades consigo mesmo.

Logo, essa ação narrativa faria ainda com que o leitor entendesse que o grupo familiar seria a sua base de ajuda nesses momentos. Além disso, destaca-se que há outro ponto que acaba não sendo muito explorado: o gênero fluido, tópico que é o cerne relevante do livro e que, depois de um certo tempo de leitura, é perceptível que falta algo a mais, porque o tema abordado é certamente perfeito para o leitor, por haver um aprofundamento de ideias e percepções sobre o conflito da identidade de gênero.

Em *Todos, nenhum: simplesmente humano* há alguns impasses por não explicar completamente tudo que poderia ser explorado. Isso torna a obra literária ruim? Esse questionamento é variável e cada leitor terá suas próprias conclusões, mas, é inquestionável o quão envolvente é a história em si, porque o tema abordado deixa bem claro que o mundo não é apenas binário. Judith Butler (2003, p. 24), uma renomada teórica da teoria *queer*, diz que:

Mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito.

A partir daí, conclui-se que todo esse enredo atrai a atenção do leitor, principalmente por ser um livro que convoca o gênero fluido como ponto de discussão dentro da sociedade e no universo literário, tornando-se algo essencial para que o leitor amplie o seu conhecimento sobre a diversidade de gênero. O fato de o personagem ser uma pessoa bastante carismática faz com que a imersão na história seja ainda mais abundante, cada momento retratado é apaixonante, mas também angustiante, por apresentar as claras dificuldades enfrentadas por Riley que sofre com as visões patriarcalistas e conservadoras que o cercam.



O segundo objeto de análise dessa pesquisa, que aborda a homossexualidade de maneira ampla mesmo sendo escrito por uma pessoa heterossexual, é: *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman. Toda a trama narrativa se passa no ano de 1983, e retrata inicialmente, a história de um garoto de apenas 17 anos, chamado Elio. Ele passa o verão na casa de praia da família, localizada em alguma cidade da Itália, a qual não é especificada. Na obra, ele é retratado como uma pessoa de extrema educação. A família do personagem tem o hábito de hospedar estudantes estrangeiros durante o período do verão, e é nessa época que a família recebe Oliver, um homem de 24 anos e doutorando de filosofia.

Nesse meio tempo, Elio sente-se interessado por Oliver, a partir daí, o leitor é levado a ter a ideia de que ele seja completamente homossexual, porém, com o desenrolar do enredo, o autor nos mostra que ele possui relações com mulheres. Nisso, o escritor coloca-nos atento a outro ponto perceptível: a descoberta da sexualidade do personagem quando o medo e angústia tomam conta dele. O acontecimento é muito bem articulado no primeiro capítulo porque basicamente envolve as suas aflições:

O que me inquietou, no entanto, não foi a manobra sofisticada necessária para me redimir. Foi a incômoda desconfiança que senti ao finalmente perceber, tanto ali como na conversa despreocupada perto dos trilhos do trem, que o tempo todo, sem que parecesse, sem nem mesmo admitir, eu já estava tentando – sem sucesso – conquistá-lo (ACIMAN, 2018, p. 8).

O livro pode ser interpretado inicialmente como uma história a qual descreve um amor de verão, embora que, em nenhum momento o autor use essa expressão. A narrativa torna-se tão ampla, comovente e real, que o leitor se sente cativado, atraído pela trama arquitetada e acaba não conseguindo outra definição que não seja amor.

Logo, nessa característica presente no romance, aqui utiliza-se a definição de Mikhail Bakhtin (2003) de gênero inacabado, por ser próprio dessa composição de englobar estilos e modos diferentes. Fazendo com que o receptor, neste caso o leitor, não se torne um indivíduo passivo, pois com base nessa compreensão, tende-se a obter uma opinião própria sobre a trama, concor-



dando ou discordando sobre os elementos presentes no texto ou, em outras palavras, desempenhando o papel de leitor ativo.

Quanto à extensão e construção inacabada do gênero literário, os fatos narrados se estendem em várias páginas para descrever a forma como os sentimentos são empregados e explanados, porque se percebe como algo verdadeiro e sincero. Dentro dessa extensão e, durante a leitura, é perceptível notar que há um tipo de abandono, mas não um abandono sinônimo de largar ou rejeitar alguém, mas sim, de se entregar a uma determinada pessoa com todas as forças, e é exatamente essa a ideia que o título repassa ao leitor, o de *Me chame pelo seu nome*.³ Esta é uma frase em que os personagens empregam em um de seus diálogos, sendo considerada o símbolo de confiança e de entrega total de um para o outro:

Você vai me matar se parar, você vai me matar se parar, porque também era meu jeito de unir o sonho e a fantasia, eu e ele, as palavras tão esperadas de sua boca para a minha boca e de volta para a dele, trocando palavras de boca em boca, que foi quando devo ter começado a proferir obscenidades que ele repetia depois de mim, baixinho no início, até que disse: — Me chame pelo seu nome e eu vou chamar você pelo meu. (ACIMAN, 2018, p. 130).

Pelas características de amor de verão, há o momento em que Elio e Oliver terão que se separar e se despedir, após esse período, o último volta à cidade de Nova York, existindo então a cenografia da separação. É inevitável que exista um sentimento profundo por ambas as partes, não limitado apenas ao prazer, mas a algo sincero e profundo entre os dois. Com base nesse enredo, é notável que ele se tornou um divisor de opiniões, justamente, pelo fato de Elio ser um adolescente de 17 anos enquanto Oliver um homem de 24 anos,

³ Depois de anos, o livro foi adaptado e apresentado ao mundo no ano de 2017, o que acabou sendo reconhecido como uma das melhores adaptações de livros para filmes já feitas, recebendo o prêmio do Oscar de melhor roteiro adaptado em 2018. No filme, houve algumas coisas que não foram tão bem retratadas quanto no livro (e vice-versa), pois na adaptação cinematográfica, dificilmente, seria possível aprofundar-se nos pensamentos do protagonista, enquanto que no livro, é algo extremamente comum. Outro ponto são as cenas eróticas envolvendo Elio e Oliver, que foram menos abrangentes no filme por não explorarem tanto os aspectos deste cenário, provavelmente pelo fato do público-alvo, já que se fossem retratadas, seria necessária uma classificação de faixa etária. Sendo assim, essas são as duas particularidades em que o livro se sobressai com relação a adaptação. Porém, no livro houve algo semelhante a uma falha de enredo, pois já no início da história nota-se que Elio teria uma relação com uma garota, porém, em nenhum momento da obra literária houve algo semelhante a um término com ela, fazendo com que fosse deixada de lado depois de uma certa parte. Entretanto, nessa transposição midiática o seu término ocorre e isso acaba sendo interpretado como sendo uma correção que o filme faz ao livro.



essa diferença de idade pode incomodar muitas pessoas, essencialmente quando se trata de relação homoerótica.

Sob essas considerações, na da análise das duas obras mencionadas, pode-se concluir que a temática LGBTQIA+ não precisa necessariamente ser escrita por pessoas do meio. São livros escritos por autores heterossexuais e, nessa reflexão, torna-se claro que cada um deles tem um enredo com situações e acontecimentos evidentes da homossexualidade. Essa construção nada mais é do que a representação das ações extratextuais que os escritores utilizam para transcender o leitor na narrativa pelo tema da diversidade de gênero.

O terceiro objeto de estudo, *Simon vs. a agenda Homo Sapiens*,⁴ de Becky Albertalli, retrata bem a temática LGBTQIA+ pela imagem da mulher bissexual. A história aborda a vida do narrador-personagem autodiegético Simon, um adolescente gay de 16 anos. No início da trama, algo nítido é o fato do protagonista ser homossexual, por mais que ninguém saiba da sua sexualidade, no decorrer da narrativa uma pessoa nomeada de Martin, acaba por descobrir alguns *e-mails* que estaria trocando com outra pessoa de codinome Blue, nem o próprio protagonista sabia de quem se tratava, mas tinha a certeza que pertencia a mesma escola que frequentava. Martin acaba o chantageando.

Torna-se evidente o quão cruel é o fato de *estar no armário*, já que na sociedade patriarcal em que se vive, muitos homossexuais tendem a ficar receosos de falar sobre sua orientação sexual com naturalidade, temendo serem julgados ou de serem sujeitos às atrocidades sociais. Logo, isso faz com que pessoas que tenham a sexualidade divergente da heterossexualidade sintam que se assumir seja uma obrigação, como se fosse um segredo de extrema gravidade, mas considerando a ideologia que grande parte da sociedade tem, acaba sendo algo grave, mesmo que não o seja, porque:

A heterossexualidade, ao contrário da homossexualidade, jamais se configura como segredo revelado porque ela é pressuposta como o comportamento modelar. Assim, o “comportamento modelar”, justamente por estar desde sempre pressuposto, é lido como neutro e universal, enquanto o “comportamento secreto” precisa ser assumido para ser reconhecido e, uma vez assumido, transforma-se em anátema

⁴ Anos depois, mais especificamente em 2018, foi lançado uma adaptação do livro para filme, sendo chamado de *Com amor, Simon* e, ao contrário da obra literária, a transposição cinematográfica não inicia de forma igual, pois mostra primeiramente a trajetória do protagonista um pouco antes do momento em que Simon é chantageado por Martin.



de particularismo. Isso produz uma curiosa dinâmica epistemológica: ninguém precisa “assumir-se” como heterossexual, pois enquanto a homossexualidade é uma coisa que “se assume”, a heterossexualidade é uma coisa que “se é”. (ALÓS, 2007, p. 57).

Em um cenário real, quando o homossexual permanece com a sexualidade em segredo, concede que pessoas, geralmente homofóbicas, se aproveitem e queiram usar isso a seu favor, buscando por meio de chantagens maneiras de se beneficiar. Nesse mesmo sentido, é o que ocorre com Simon, ele é chantageado por Martin e pede que o protagonista consiga que Ally, amiga de Simon, seja a sua namorada.

O protagonista se mantém em uma situação um tanto complicada, durante o enredo é nítido como a homofobia é bem retratada, tendo em vista que o vivenciamento de toda essa pressão e sofrimento devido seu segredo sejam retratados com extrema clareza na narrativa. Além do mais, apesar de Simon viver em um ambiente familiar favorável, existe o fato de permanecer silenciado pela zombaria proferida por seu pai:

É isso que as pessoas não entendem. Essa coisa de sair do armário. Não é nem por eu ser gay, porque lá no fundo sei que minha família levaria numa boa. Não somos religiosos. Meus pais são democratas. Meu pai gosta de fazer piadas, e seria constrangedor, sem dúvida, mas acho que tenho sorte. Sei que eles não vão me deserdar nem nada. E tenho certeza de que algumas pessoas da escola pegariam no meu pé, mas meus amigos não se importariam. Leah adora caras gays, então acho que ficaria empolgadíssima. (ALBERTALLI, 2016, p. 38).

Chama a atenção que grande parte está centrada em Blue, codinome usado por um aluno de *Creekwood High School* para que ele não fosse descoberto, já que se trata de um rapaz gay não assumido. Esse personagem acaba publicando certas situações em rede social e então revela ser gay, mas sem dizer o verdadeiro nome. Depois do ocorrido, Simon acaba enviando um *e-mail*, mas sem se identificar, nesse meio tempo, os dois acabam desenvolvendo uma afeição mútua, mesmo sem saber com quem de fato estariam conversando.

Em certo momento, ele é exposto pelo chantageador, pois o protagonista não havia cedido às ameaças e, com isso, os *e-mails* trocados com Blue acabam sendo vazados. Portanto, essa foi uma das cenas narrativas bem re-



tratadas pelo protagonista por tratar de algo comum de acontecer: o fato de pessoas homossexuais terem o direito de se assumirem tiradas delas.

Nesse contexto, é ainda interessante destacar, conforme afirma Silva (2000, p. 118–131), que tal fato ocorrido com o personagem é aquilo o qual se chama de crise de masculinidade, pelo motivo de a sociedade não aceitar, por condições preconceituosas e machistas, a identidade de gênero do outro. Situação que ocorreu com Simon, ao qual não teve a oportunidade de se assumir para o seu grupo social, pois isso, infere-se com algo tirado de si. Pressionado pela ocorrência, ele se vê em situação conturbada e decide se assumir para sua família, antes que os pais soubessem por outra fonte.

Essa cena foi uma das mais representativas. É fato que muitos homossexuais têm um receio em falar sobre sua sexualidade, principalmente para os pais. O momento em que Simon revela ser gay acaba sendo comovente, o que se transforma em incentivo e motivação para pessoas que têm esse receio, consigam se assumir e conseqüentemente não permaneçam presas dentro de si. Louro (2004) assevera que “a sexualidade é um espaço cujos limites e significados são contestados politicamente” já que, ao se assumir há o deslocamento do corpo estranho, isto é, de sua real sexualidade, a sua condição de homossexual se torna a matiz significativa de desnaturalização das relações de poder de uma sociedade machista.

Depois do ocorrido, após seus pais e amigos o aceitarem, possibilita que o leitor reflita de maneira positiva sobre os homossexuais, fazendo com que a representação se torne benéfica aos relacionamentos, porque o momento de se assumir não é uma tarefa fácil para todos. Ainda nesse contexto da narrativa, a respeito da homossexualidade e da questão da identidade de gênero, um ato preocupou Simon: o de Blue ter sumido depois do ocorrido e de não responder mais aos *e-mails* do protagonista. Uma forma que usou para não deixar pistas sobre quem realmente é.

É válido lembrar que esse é um dos discursos adotados pelo autor para re(visitar) o discurso emergente da defesa legitimada da homossexualidade em não se reprimir diante dos modelos ditos normais que nos é impregnado desde ao nascer.

Com isso, a autora traz a ideia do sexo transgressor, aquele que foge à prática da heteronormatividade patriarcal compulsória, como uma provocação



ao leitor, ao dá-lo o livre-arbítrio de opinar sobre a enunciação imposta pelos personagens. Por sua vez, Rawet (2008) afirma que qualquer relação homoeótica é uma escolha humana fundamentada nos valores existenciais da sua própria condição humana.

Logo, essa ideia é complementar quando Simon constrói um belo vínculo com Blue, e mesmo que a única maneira de comunicação fosse a virtual, isso não impediu que os laços entre ambos tenham sido formados. Preocupado com a devida ausência, ele decide usar uma última alternativa: enviar um último *e-mail*. Demonstrando o quão importante seria se os mesmos se encontrassem, de fato, isso reforça ainda os sentimentos que o protagonista tem por ele. Por fim, faz uma proposta, ou melhor, um apelo para que se encontrem em um local, caso o mesmo desejasse.

Obviamente, não sei que diabo estou fazendo aqui, mas o que estou tentando dizer é que gosto de você. Mais do que gosto. Quando flierto com você, não é de brincadeira, e quando digo que quero conhecê-lo, não é só porque estou curioso. Não vou fingir que sei como isso termina e não faço ideia se é possível se apaixonar por e-mail. Mas eu gostaria mesmo de conhecer você, Blue. Quero tentar isso. E não consigo imaginar uma situação em que não queira beijar você loucamente assim que te olhar. [...] O que estou tentando dizer é que tem um parque de diversões radical no estacionamento do Perimeter Mall hoje, e parece que fica aberto até às nove. Só para você saber, estarei lá às seis e meia. E espero te ver lá. (ALBERTALLI, 2016, p. 170–171).

Após esse pedido, Blue aparece no local combinado, e para a surpresa de Simon, era Bram Greenfield, um garoto que frequentava a mesma escola e já havia mantido contato algumas vezes. Para os leitores mais avisados há a evidência que o texto deixa em jogo ou, ao menos, faz suspeitar que Bram seria Blue, pois usa o *e-mail* (bluegreen118@gmail.com) onde *green* é a referência ao seu sobrenome. Isso seria uma estratégia usada pela autora para que o leitor fizesse um levantamento sobre quem de fato poderia ser a pessoa de codinome Blue. Segundo Iser (2002, p. 107), o texto é esse campo que deve jogar com os leitores, e o resultado de sua leitura é o ato intencional pelo qual a escritora se refere, principalmente, por intervir em um mundo existente, mas é esse jogo textual proporcionado que nos faz identificar aquilo que ainda está a ser descoberto.



O lugar do texto é o mundo da literatura LGBTQIA+, até porque, na trama os personagens se beijam, retratando sobretudo, o beijo gay e, posteriormente, mostra Simon convivendo mais com Bram, dando-nos o pensamento de que estariam namorando ou se conhecendo melhor.

Em síntese, *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* possui um ótimo enredo em todos os aspectos. A homofobia, a aceitação e a aflição são particularidades que essa obra nos traz. Albertalli faz com que se leia as entrelinhas, aprofunde-se no psicológico do protagonista, e além disso, toda a história demonstra ser atraente pela apresentação da temática admirável, mas que ainda hoje, é tabu para a maioria da sociedade.

Assim, falar da homossexualidade e do universo LGBTQIA+ na literatura, mesmo na atualidade, se torna um desafio, porém não impede que autores e leitores dos mais variados gêneros se debrucem sobre a temática, uma vez que, a cada discussão levantada se constroem pensamentos afastados de qualquer ideologia preconceituosa ou da designação sexista excludente, já que os protagonistas dos três livros colocam diante de nossos olhos o fator da igualdade, independentemente da sexualidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homossexualidade foi por séculos alvo de atos de preconceito e atrocidades intrigantes, em alguns casos, ainda é até hoje. Há traços na sociedade em que se demonstra a constante evolução com relação a outros tipos de sexualidade ou identidade de gênero, mas isso não se aplica a todos os lugares, pois existem países onde não é possível viver de forma tranquila, nesses locais, ser homossexual chega a ser algo repugnante e considerado crime. Mesmo com o passar dos séculos, há pessoas que não aceitarão o fato de alguém ter uma sexualidade divergente da heterossexualidade.

A análise de *Todos, nenhum: simplesmente humano*, de Jeff Garvin; *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman e de *Simon vs. a agenda Homo Sapiens*, de Becky Albertalli, que abordam o tema da homossexualidade ou diversidade de gênero foi de fundamental importância para que se fizesse a compreensão dos conteúdos apresentados. Porque em um mundo onde existe a grande incidência de um preconceito em massa, há a necessidade de apresen-



tar e de discutir tal temática, para que faça consequentemente a desconstrução dessa visão machista, sexista e preconceituosa instituída por ideologias patriarcais.

O modo de como as histórias e os personagens foram retratadas impacta diretamente com a desenvoltura das obras literárias. A homossexualidade e a diversidade de gênero são assuntos que possuem um grande espaço de exploração. Explanar essa temática ao máximo é o melhor caminho para torná-la de grande admiração, além de fazê-la ser cativante para o mundo literário. As particularidades da comunidade LGBTQIA+ devem ser convocadas pela literatura de forma minuciosa, uma vez que todos os seus aspectos existentes fazem com que, tanto os autores e seus romances quanto os leitores, estejam realmente interligados pela escrita do texto.

REFERÊNCIAS

ACIMAN, André. **Me chame pelo seu nome**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ALBERTALLI, Becky. **Simon vs. a agenda homo sapiens**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo**: uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly. 2007. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11156/000604548.pdf;sequence=1> Acesso em: 23 out. 2020.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dia-logarts, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.

CONNER, Randy P.; SPARKS, David Hatfield; SPARKS, Mariya. **Cassell's Encyclopedia of Queer Myth, Symbol and Spirit**. UK: Cassell, 1998.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: Editora UEL. 2007.



GARVIN, Jeff. **Todos, nenhum: simplesmente humano**. São Paulo: Plataforma 21, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2019.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 67-84.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAWET, Samuel. **Homossexualismo: sexualidade e valor**. In: BINES, Rosana Kohl; TÔNUS, José Leonardo (Org.). *Ensaio reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 23-49.

SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 192- 203.

SILVA, Sérgio Gomes da. A crise da Masculinidade: uma crítica à identidade de Gênero e à literatura masculinista. In: **III Congresso Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, 2000. p. 118-131.

Sobre os autores:

Junior César Ferreira de Castro

Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Mestre em Letras e Linguística, área de Estudos Literários, Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialização em Literatura Brasileira, Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de Araraquara (UNIARA). Graduado em Letras Português/Inglês, Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Pedagogia no Centro Universitário CLARETIANO. Autor de poemas, artigos científicos, capítulos e organizador e prefaciador de livros. Professor Adjunto da Faculdade de Anicuns, Goiás, Brasil. Experiência na área de coordenação pedagógica, de núcleos de pesquisa e de pós-graduação. Docente da rede de ensino do Estado de Goiás (SEDUC-GO). Pesquisador na linha de Literatura e Outras Artes (Poesia e Imagem - relação interartística, intermediária e estudos iconográficos pela poética da modernidade e da contemporaneidade) e, na área de educação, dedica-se a pesquisa na formação, profissionalização docente e didática.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1747-8425>. E-mail: profjuniorcastro@gmail.com.

Marcelo de Carvalho Macedo



Graduando em Letras Português/Inglês pela Faculdade de formação de professores de Araripina (FAFOPA).
E-mail: marcelocarvalho23456@gmail.com